

Pensando as manifestações pró-impeachment a partir de Deleuze, Guattari e Reich

Gustavo Arantes Camargo *

Resumo

Este texto foi apresentado em mesa redonda do Colóquio “Fascismo social, filosofia e esquerdas”, organizado pelo Laboratório de Filosofia Política e Moral Gerardo Marotta (UNIRIO/CNPq) e realizado na UNIRIO no dia 31 de maio de 2017. O texto busca pensar as manifestações pró-impeachment da presidenta Dilma Roussef a partir dos referenciais filosóficos de Deleuze, Guattari e Reich. A ideia principal é uma pergunta que os autores franceses se fazem sobre o porquê as massas atuam politicamente muitas vezes contra seu próprio interesse? O desenvolvimento desta questão caminhará pelo conceito de clivagem de Reich, assim como de produção de subjetividade de Deleuze e Guattari. Buscamos entender as relações entre os campos moleculares e molares que dão sustentação ao que esse Colóquio chama de fascismo social.

Palavras-chave

Fascismo social; Produção de subjetividade; Impeachment; Molar e molecular.

Abstract

This text was presented at a panel discussion of the “Colloquium on Social Fascism, Philosophy and Lefts,” held at UNIRIO on May 31, 2017. The text seeks to think about the pro-impeachment manifestations of President Dilma Roussef from the philosophical references of Deleuze, Guattari and Reich. The main idea is a question that the French authors ask about why the masses often act politically against their own interest? The development of this issue will follow the concept of Reich's cleavage, as well as Deleuze and

* Mestre e doutor em filosofia pela PUC-Rio, Professor Adjunto de Filosofia da Educação do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade - NUPEM e do Campus Macaé, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além da Filosofia da Educação, suas áreas de pesquisa são Ética e Filosofia Política.

Guattari's production of subjectivity. We seek to understand the relations between the molecular and molar fields that give support to what this Colloquium calls social fascism.

Key-words

Social fascism; Production of subjectivity; Impeachment; Molar and molecular.

Introdução¹

A pergunta que me intriga, e a partir da qual me proponho a pensar as manifestações pró-impeachment, é aquela que lemos no “Anti-Édipo”: “Eis por que o problema fundamental da filosofia política é ainda aquele que Espinosa soube levantar (e que Reich redescobriu): ‘Por que os homens combatem por sua servidão como se se tratasse da sua salvação?’”²

O que à época das manifestações pró-impeachment ficava pensando a partir dessa frase foi que parecia muito claro que medidas impopulares seriam tomadas caso houvesse o impeachment. Ficava pensando se as pessoas que estavam indo às ruas naquele período, ou mesmo as que apoiavam em casa à distância, seriam, ou são, a favor de reformas como a da previdência, a trabalhista ou a PEC dos gastos (PEC 241 ou 55), que, quando promulgada, se tornou a Emenda Constitucional 94 e que impede qualquer aumento nos gastos do governo por vinte anos, permitindo apenas seu reajuste conforme a inflação? Parecia-me estranho que se focasse apenas na corrupção também, uma vez que o sucessor participa de um grupo político com histórico não muito atraente nesse quesito. Imaginava meus colegas professores de Universidades Federais que defenderam o impeachment, se seriam a favor de colocar o orçamento público na constituição; será que

¹ Esse texto foi apresentado em mesa redonda do Colóquio “Fascismo social, filosofia e esquerdas” já referido no resumo. Por este motivo, optamos em manter no texto as características de narrativa oral, presentes nesse tipo de intervenção.

² DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro. Editora 34. 1ª. ed. 2010. Pg. 46.

eles concordariam em não ter aumento real de salário por 20 anos? Cheguei a pensar no título dessa comunicação como algo do tipo: “Uma nação de economistas neoliberais ou talvez Espinoza e Reich estejam certos”. Pois até consigo entender a posição de alguns economistas sobre o tema, mas o apoio daqueles que seriam diretamente afetados de forma negativa demandaria uma enorme certeza da direção que estava se tomando. Se as pessoas tinham essa certeza, não me parecia claro. Mas se alguém gritou “fora Dilma”, bateu panela, foi para a rua com a camisa da CBF e agora é contra essas reformas, então a pergunta inicial procede.

O que Deleuze e Guattari elogiam em Reich é a busca de uma explicação a essa pergunta pelo desejo e não pela manipulação, erro ou falta de consciência do povo. Reich não diz que as pessoas foram enganadas e que, caso sejam esclarecidas, nada disso ocorrerá novamente. Ele diz que a atuação política das pessoas é tal que muitas vezes defendem uma posição que as colocará em pior situação. Quando, por exemplo, as massas apoiaram o fascismo e o nazismo.

Reich diz que quando um trabalhador explorado faz greve ou uma pessoa faminta rouba para comer, pode-se facilmente relacionar sua condição material com sua atitude política. Mas,

Para a psicologia social, a questão é colocada em termos opostos: o que se pretende explicar não é por que motivo o esfomeado rouba ou o explorado faz greve, mas por que motivo a maioria dos esfomeados não rouba e a maioria dos explorados não faz greve. Assim, a economia social é capaz de explicar completamente um fato social que serve a um fim racional, isto é, quando ele satisfaz uma necessidade imediata e reflete e amplifica a situação econômica. A explicação socioeconômica *não se sustenta*, por outro lado, quando o pensamento e a ação do homem são incoerentes com a situação econômica, ou seja, são irracionais.³

Deleuze e Guattari criticam Reich, pois este mantém o dualismo entre uma ação classificada como racional quando esta funciona a favor da pessoa e a explicação irracional, quando agimos contra nós mesmos. Isso não desmerece, segundo os autores, a análise reicheana da psicologia política das massas, uma vez que ele faz uma análise

³ REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2ª. ed. 1988. Pg. 38.

micropolítica das bases que sustentam governos e ações autoritários. Iremos então à obra de Reich “Psicologia de massas do fascismo”.

A clivagem

O que é preciso explicar é porque, em momentos de miséria, a maior parte da população, incluindo a menos favorecida socioeconomicamente, tende a se posicionar politicamente e a apoiar ideias e grupos que, em nossa análise, atuarão no sentido de aumentar a situação de opressão e miséria em que se encontram. O que leva pessoas a irem às ruas pedir para que seu direito à aposentadoria seja diminuído, ou para que se congelem os gastos com saúde e educação? Repito que, do ponto de vista de algumas correntes do pensamento econômico, essas medidas seriam benéficas para toda a sociedade. Entretanto, tal compreensão está longe de ser um consenso social. De onde pergunto se teríamos uma nação de economistas dessa linha de pensamento ou se as pessoas agiram de fato contra si mesmas?

Reich dirá que as ações políticas das massas não são determinadas somente a partir de sua condição socioeconômica. “A situação econômica não se traduz automaticamente em consciência política. Se assim acontecesse, há muito se teria verificado uma revolução social”⁴. Assim, propõe que os métodos de estudo da economia devam ser diferentes dos métodos de estudo da psicologia; crítica que dirige diretamente ao pensamento da esquerda.

O movimento pela liberdade cometeu até agora o grave erro — e isso contribuiu, entre outras coisas, para a sua derrota — de transferir mecanicamente todas as palavras de ordem do campo da política sindical e da luta política para todos os outros campos da vida social, em vez de criar, para cada área da vida e da atividade humanas, uma linha adequada a essa área, e só a ela.⁵

O que Reich chama de “clivagem” é que não se pode explicar as ações e pensamentos políticos das massas, nem da classe média, a partir somente da desigualdade econômica, pois mesmo vivendo em situação de miséria, muitos tendem a apoiar medidas

⁴ REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2ª. ed. 1988. Pg. 38.

⁵ Ibid. Pg. 151.

autoritárias no campo político, isto é, tendem a agir de maneira contrária ao que seria melhor para si. No caso da classe média, mesmo a democracia sendo o melhor regime político para viverem suas vidas em liberdade, muitos apoiam governos autoritários acreditando que o controle sobre a vida é o melhor caminho para a segurança, ou sabe-se lá para o quê?

Se levarmos em conta a situação socioeconômica, as ações tenderiam para o campo político de esquerda, onde se buscaria maior apropriação da riqueza produzida por um maior número de pessoas e aumento dos direitos civis e humanos para todos e todas. Mas politicamente, em tempos de crise, o que se verifica é que o pensamento tende para a direita, defendendo-se ações de extrema austeridade no campo econômico e medidas autoritárias no campo político. O problema consiste em saber como poderiam as pessoas oprimidas por nossa sociedade defender posicionamentos políticos daqueles que as oprimem?

Falando sobre a Alemanha pré-ascensão nazista (1933), Reich diz que:

a realidade mostrava que a crise econômica, em vez de provocar a esperada virada para a esquerda na ideologia das massas, conduzia a uma extrema virada para a direita na ideologia das camadas proletárias da população. Disso resultou uma clivagem entre a base econômica, que pendeu para a esquerda, e a ideologia de largas camadas da sociedade, que pendeu para a direita. *Esta clivagem foi ignorada, o que impediu que se perguntasse como era possível que as largas massas se tornassem nacionalistas num período de miséria.*⁶

Reich formula a ideia de que a escolha política é algo que é condicionado pelo que chama de estrutura psicológica da sociedade, o que não decorre diretamente da situação socioeconômica da mesma. “Ou essa estrutura [psicológica] está de acordo com a situação econômica ou esses dois fatores são independentes entre si,”⁷ Neste último caso, trata-se da clivagem de que Reich fala. “Assim, o problema fundamental consiste em saber o que causa essa clivagem entre os dois fatores, ou seja, o que impede a correspondência entre situação econômica e estrutura psíquica das massas populares.

⁶ Ibid. Pg. 30.

⁷ REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2ª. ed. 1988. Pg. 34.

Trata-se, portanto, de compreender a própria essência da estrutura psicológica das massas e a sua relação com a base econômica da qual se origina”.⁸

Deleuze e Guattari não irão usar a ideia de estrutura, não dividindo a sociedade em camadas ou estratos. Seu princípio único de produção do real será o desejo. Também não dirão que se trata de ações irracionais, com se isto explicasse alguma coisa. Além, é claro, de não manter a relação moral entre o racional e o bom, e tampouco defender alguma racionalidade pré-formatada para o desejo. A total manipulação das massas a partir da propaganda, ou da mídia, como se diz hoje, também não é uma explicação suficiente. Reich diz que sempre será papel do fascismo iludir as massas e, com certeza, ninguém tem mais noção de sua própria situação de pobreza do que próprio o pobre. Logo, “quando a reação política obtém êxito com uma certa propaganda ideológica, este não pode ser atribuído unicamente à cortina de fumaça. (...) É na capacidade das massas para absorver essas ideias — aquilo a que chamamos a ‘base de psicologia de massas’ do ditador — que constitui a força do fascismo. Por isso, é imperativo conseguir compreender inteiramente este fenômeno”.⁹

Há uma distinção feita por Deleuze e Guattari entre massas e classes. As massas não constituem um grupo homogêneo e definido por um status de riqueza ou pobreza. Os manifestantes pró-impeachment, independentemente de sua classe social, podem ser entendidos como massas. Assim como pessoas da mesma classe social têm opiniões muito diversas entre si. O importante nessa diferenciação é que o conceito de classe aponta para uma homogeneidade que consideramos fictícia de qualquer ponto de vista que não seja estritamente econômico, enquanto que o conceito de massa leva em conta a heterogeneidade dos grupos, mas que em um determinado momento atuam em uma mesma direção. Entre os manifestantes pró-impeachment, havia certamente ricos, pobres e pessoas de classe média, constituindo-se em uma massa, mas não em uma classe.

Ao separar completamente os campos da economia e da psicologia, a esquerda perdeu de seu horizonte a real absorção das ideias fascistas pelas massas, de forma que sua atuação política também visou sempre apenas a estrutura econômica da sociedade e não a produção das subjetividades. A consequência desse pensamento é que, ao mesmo tempo em que defende que somente a transformação total da economia da sociedade

⁸ Ibid. Pg. 35.

⁹ Ibid. 102.

pode mudar as situações de opressão, atribui ao engano, à manipulação e à alienação o malogro na recepção de suas ideias. É fundamental dizer que se o projeto da esquerda não consegue seduzir os mais pobres, isso é um erro da esquerda e não dos mais pobres. (Ex. Eleição de 2017 para prefeito do Rio de Janeiro, onde o candidato de esquerda foi mais votado em zonas eleitorais de classes econômicas mais abastadas e teve menos votos entre os pobres)

Ao se pensar a sociedade apenas pelo viés econômico, a esquerda perde de vista o problema da produção de subjetividade em nossa sociedade e se torna incapaz de compreender os sentimentos e desejos das massas, achando que basta lhes conscientizar para que essas se revoltem imediatamente. Desta forma, a subjetividade fica totalmente entregue ao idealismo metafísico. E este é um prato cheio para o fascismo. “A experiência ensina que revelações dessa natureza não convencem as massas, e que, portanto, um questionamento apenas socioeconômico é insuficiente. Não seria mais pertinente perguntar o que está acontecendo com as massas, que as impede de poder reconhecer a função do fascismo?”¹⁰

Onde se apoia a produção fascista da subjetividade?

O Fascismo em nós

Michel Foucault escreve um prefácio para “O anti-Édipo” intitulado “Introdução a uma vida não fascista”, onde o apresenta não só como um livro de ética, mas um livro de ética voltado contra o fascismo. Não apenas o fascismo estatal, que soube mobilizar os desejos das massas, mas o fascismo que habita em todos nós, em nossas atitudes cotidianas, nos pequenos e mesquinhos poderes aos quais nos agarramos, ou seja, aponta os microfascismos existentes em nosso cotidiano como o alvo de uma ética não fascista.

Foucault indica o que Felix Guattari irá definir como a dimensão molecular do fascismo, isto é, o desejo fascista que nos habita. Como reconhecê-lo, espreitá-lo? É possível eliminá-lo, mesmo vivendo em uma sociedade que quase nos obriga a sermos violentos? Há um giro na perspectiva: o fascismo de um Estado, o fascismo molar, macropolítico, deve ser analisado ao lado do fascismo molecular, este que encontramos na rua a todo o momento, no trânsito dos automóveis, nas relações de trabalho e,

¹⁰ REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2ª. ed. 1988. Pg. 39.

sobretudo, nas relações de gênero, raça e orientação sexual. “Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica”.¹¹

Guattari nos diz que “Tal análise dos componentes moleculares do fascismo poderia, assim, concernir aos mais variados campos, tanto na escala macropolítica, quanto na escala microscópica. Ela deveria propiciar-nos entender melhor como o mesmo fascismo, sob outras formas, continua funcionando, hoje, na família, na escola ou num sindicato”.¹² Ou seja, há uma coextensividade do fascismo na sociedade, dentro de nós, dentro de casa, nas salas de aula, nas instituições, até o Estado, a polícia, etc.

Podemos ler também em Reich a afirmação de que abrigamos o fascismo dentro de nós, quando diz: “As minhas experiências em análise do caráter convenceram-me de que não existe um único indivíduo que não seja portador, na sua estrutura, de elementos do pensamento e do sentimento fascistas”.¹³ É fundamental captarmos essa relação deixada clara por Reich: todos somos portadores de um pensamento e sentimento fascista e é essa lógica, que este autor chama de estrutura do caráter, e os demais autores que uso chamam de produção de subjetividade, que sustenta, defende e apoia governos autoritários. É importante marcar que as ações autoritárias dos governos são desejadas e aplaudidas por boa parte da população. É essa produção de subjetividades fascistas que está diretamente ligada à análise do desejo em nossa sociedade.

Ética, para Foucault, seria tanto não apoiar regimes autoritários, como também não ser fascista neste sentido molecular e micropolítico. No entanto, como não sê-lo, uma vez que somos o produto desses poderes que nos fabricam como sujeitos fascistas? “Como fazer para não se tornar fascista mesmo (e sobretudo) quando se acredita ser um militante revolucionário? Como livrar do fascismo nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres? Como desentranhar o fascismo que se incrustou em nosso comportamento?”¹⁴ A isso “O Anti-Édipo” nos induziria.

Neste sentido, Foucault diz que revolucionária é a conexão do desejo com a realidade, perguntando-se: “Como se introduz o desejo no pensamento, no discurso, na

¹¹ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs, Vol. 3*. Rio de Janeiro. Editora 34. 1996. Pg. 83.

¹² GUATTARI, F. *Micropolíticas do fascismo em Revolução molecular*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1985. Pg. 180.

¹³ REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2ª. ed. 1988. Pg 12.

¹⁴ FOUCAULT, M. *Introdução a uma vida não fascista*. Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedípus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento.

ação? Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida?”¹⁵

Felix Guattari abre o texto “Micropolítica do fascismo” dizendo exatamente que “O fascismo é um tema-chave para abordar a questão do desejo no campo social.”¹⁶ Se essa conexão nos parece fundamental é porque uma das teses centrais de “O Anti-Édipo” é a apresentação do desejo não como uma falta, mas como produção, e produção de realidade. Se nossa realidade é permeada por microfascismos, é preciso entender a conexão desses com o desejo que os envolve.

É neste ponto que os autores criticam Reich, pois este entenderá a afirmação do fascismo como fruto de uma contradição interna às pessoas. Contradição essa que as fazem agir irracionalmente. Segundo os autores franceses, faltava-lhe a ideia de produção desejante, do desejo como produção, que faz com que haja total coextensividade entre o campo social e desejante. Ou seja, o fascismo é desejado. Mas o é também em nossas relações interpessoais.

Se o desejo produz, produz realidade, “*a produção social é unicamente a própria produção desejante em condições determinadas*”¹⁷. O fato de haver repressão política e uma força discursiva intencionalmente voltada para estabelecer uma manipulação na grande mídia não explica nem muda a relação do desejo com a realidade. “A existência maciça de uma repressão social que incide sobre a produção desejante não afeta em nada nosso princípio: o desejo produz real, ou a produção desejante não é outra coisa senão a produção social”.¹⁸ A ideia de manipulação das massas não responde o problema, pois continua a perguntar sobre como é possível o desejo ir contra si mesmo no campo político?

Para esses autores, há uma diferença entre desejo e interesse. É possível desejar contra seus próprios interesses. O desejo, sendo da ordem inconsciente é sempre afirmação de um impulso vital, uma força produtiva e positiva neste sentido. Já o interesse, envolve o campo social já produzido enquanto que o desejo produz o real. A manutenção de uma sociedade desigual como a nossa envolve mais do que enganar as pessoas, envolve produzir subjetividades colonizadas prontas a aceitar a submissão e a desejá-la em larga escala. A ideia de manipulação pressupõe um sujeito pronto que toma

¹⁵ FOUCAULT, M. *Introdução a uma vida não fascista*. (Op. Cit.)

¹⁶ GUATTARI, F. *Micropolíticas do fascismo em Revolução molecular*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1985. Pg. 173.

¹⁷ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro. Editora 34. 1ª. ed. 2010. Pg. 46.

¹⁸ Ibid. Pg. 48

uma decisão errada, mas se for esclarecido, acertará a verdade. A produção de subjetividade, por sua vez, é um processo de constituição do sujeito, produzindo-o de modo não apenas a acreditar em algo que lhe é prejudicial, mas a desejar esse algo, isto é, a combater pela sua servidão como se fosse por sua liberdade.

Uma simples repressão maciça, global, cega não é mais suficiente. O capitalismo é obrigado a construir e impor seus próprios modelos de desejo, e é essencial para sua sobrevivência que consiga fazer com que as massas que ele explora os interiorizem. Convém atribuir a cada um: uma infância, uma posição sexual, uma relação com o corpo, com o saber, uma representação do amor, da honestidade, da morte, etc. As relações de produção capitalistas não se estabelecem só na escala dos grandes conjuntos sociais; é desde o berço que modelam um certo tipo de indivíduo produtor-consumidor.¹⁹

Não há sujeito do desejo. O desejo não é algo que pertence a um sujeito já constituído. O sujeito é consequência do desejo, é produto do desejo e não o contrário. Não há o sujeito livre que decide racionalmente como agir e sentir em cada caso. A separação entre sujeito e ação é metafísica, como se por trás do desejo houvesse um substrato livre e anterior que decidisse, a partir de algo como uma racionalidade pura, a melhor ou pior ação.²⁰ Somos o desejo, não temos desejo. Temos interesses, mas o desejo já nos constituiu. Assim como constitui o real. Em uma sociedade autoritária e fascista, esses são os modelos de relação a que estamos submetidos e que produzem nossa subjetividade nos levando a reproduzi-los.

O molecular é coextensivo a todo campo social. Uma estrutura opressora molar não é capaz de subsistir sem a opressão molecular. A gestão de um medo permanente na sociedade é necessária para que esta clame por controle e violência em nível macro. O medo do assalto, do bandido, da droga, da violência nos faz clamar por repressão, violência, pela perda de liberdade em nome da liberdade. “A administração de uma grande segurança molar organizada tem por correlato toda uma microgestão de pequenos medos, toda uma insegurança molecular permanente, a tal ponto que a fórmula dos

¹⁹ GUATTARI, F. *Micropolíticas do fascismo em Revolução molecular*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1985. Pg. 188.

²⁰ A esse respeito, ver: NIETZSCHE, F.W. *Genealogia da moral*, primeira dissertação, § 13. Companhia das letras. São Paulo, 1987.

ministérios do interior poderia ser: uma macropolítica da sociedade para e por uma micropolítica da insegurança”.²¹

A macropolítica só funciona a partir de uma micropolítica que a sustenta. Quando mais passiva ou autoritária forem as relações interpessoais, mais a macropolítica poderá ser autoritária. Deleuze e Guattari respondem, por fim, à própria questão fundamental da filosofia política:

Não há senão o microfascismo para dar uma resposta à questão global: por que o desejo deseja sua própria repressão, como pode ele desejar sua repressão? É verdade que as massas não suportam passivamente o poder; elas tampouco "querem" ser reprimidas, numa espécie de histeria masoquista e tampouco estão enganadas por um engodo ideológico. Mas o desejo nunca é separável de agenciamentos complexos que passam necessariamente por níveis moleculares, microformações que moldam de antemão as posturas, as atitudes, as percepções, as antecipações, as semióticas, etc. O desejo nunca é uma energia pulsional indiferenciada, mas resulta ele próprio de uma montagem elaborada, de um *engineering* de altas interações: toda uma segmentaridade flexível que trata de energias moleculares e determina eventualmente o desejo de já ser fascista. As organizações de esquerda não são as últimas a secretar seus microfascismos. É muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas.²²

Reich e os movimentos micropolíticos contemporâneos

Voltaremos à teoria de Reich e tentaremos pensar as potências moleculares antifascistas que vemos hoje em nossa sociedade. Tentando explicar a clivagem de que falamos, o foco da análise de Reich será na sexualidade e no local onde a sexualidade é moralmente autorizada a se desenvolver em nossa sociedade: a família heterossexual centrada na figura do homem.

Para Reich, a família patriarcal é o ponto de encontro entre a estrutura socioeconômica e a estrutura sexual da sociedade, e por isso desempenhará um papel

²¹ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs*, Vol. 3. Rio de Janeiro. Editora 34. 1996. Pg. 86.

²² Ibid. Pg. 85.

muito forte na construção de uma subjetividade autoritária. Subjetividade esta, necessária para a sustentação do fascismo. Por patriarcado entendemos um sistema social em que os homens adultos mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. No domínio da família, o pai mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças.²³

Se seguirmos Reich, será na estrutura familiar que veremos ser produzida e mantida a clivagem de que falávamos. Somente a partir do predomínio socioeconômico do homem atrelado ao controle social e sexual deste sobre a família temos as condições de reprodução de uma sociedade com mentalidade autoritária desde seu ponto de partida, o nascimento das pessoas. A família patriarcal é a base de produção de subjetividade do fascismo. “Mas temos de considerá-la como a principal célula germinativa da política reacionária, o centro mais importante de produção de homens e mulheres reacionários. Tendo surgido e evoluído em consequência de determinados processos sociais, a família torna-se a instituição principal para a manutenção do sistema autoritário que lhe dá forma”.²⁴

É fundamental chamar a atenção aqui para o papel que o machismo desempenhou na construção do imaginário contra Dilma. Sua imagem de uma pessoa primeiramente arrogante e bruta e depois nervosa e descontrolada apontaria para o fato de que uma mulher não teria condições psicológicas de governar. Características que em um homem denotariam apenas “pulso firme” e para alguns até retidão de caráter. Não à toa o primeiro ministério do governo seguinte foi composto apenas por homens brancos em geral idosos. Não apenas isso. Mas logo após o impeachment, a tentativa de mostrar a primeira dama como alguém bela, recatada e do lar visava claramente “colocar as mulheres no seu devido lugar”. Assim também, as declarações de Michel Temer de que a economia do Brasil precisaria de um marido para conter os gastos e de que a mulher pode ajudar na economia, pois sabe reconhecer as variações de preço no supermercado não são acasos ou deslizes. Fazem parte da lógica subjetiva que acompanha e dá sustentação a um governo autoritário a partir de um sentimento de confiança produzido pela subjetividade patriarcal. Mas, é claro, tal confiança só pode existir naqueles que afirmam, ainda que inconscientemente, essa estrutura machista da sociedade como

²³ Wikipédia. “Patriarcado”.

²⁴ REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2ª. ed. 1988. Pg. 94.

necessária. “É por isso que o Estado autoritário tem o maior interesse na família autoritária; ela transformou-se numa fábrica onde as estruturas e ideologias do Estado são moldadas”.²⁵

Outra questão controversa sobre o impeachment trata-se do fato de que as medidas que estão sendo tomadas por aquele que foi eleito como vice-presidente não estavam no programa de governo que foi eleito em 2014. O que vemos, então, é o aproveitamento de uma nova situação política para, a partir da deposição da presidenta eleita, implementar reformas impopulares que talvez não teriam sido aprovadas em pleito democrático. Esta razão, por si só, já aponta para um caráter autoritário do governo atual, autorizando-nos a chamar o impeachment de golpe de Estado.

Reich estabelecerá uma relação direta entre o desenvolvimento de uma sociedade centrada no poder masculino como responsável pela repressão, controle e dominações desta mesma sociedade. Mais do que isso, esta relação de dominação perpassa todo o campo social, na medida em que todos nascem, a princípio, em uma família e esta culturalmente tenderá a ser de tipo patriarcal. Os sentimentos e a subjetividade são moldados desde a mais tenra infância e os indivíduos educados nessa cultura tendem a defender ações autoritárias, uma vez que somos todos educados a partir de uma desigualdade de direitos e papéis sociais. “A organização sexual da sociedade patriarcal autoritária, (...), constitui a base primitiva da ideologia autoritária.”²⁶

Deleuze, no *Abecedário*²⁷, define a ideia de ser de esquerda por dois pontos: O primeiro é uma questão de percepção. A direita percebe a política a partir de si mesmo, depois de sua família, de seus interesses, de seu bairro, de sua cidade, país, etc. É o homem que pensa as questões de gênero a partir de suas experiências e não do que lhe dizem as mulheres, é o branco que pensa as questões étnico-raciais a partir de suas relações sociais e não a partir do que lhe diz o movimento negro, são os heterossexuais que pensam a homofobia a partir de sua opinião sobre o tema e não a partir daquilo que os grupos LGBT’s dizem. A partir disto, nega-se ao outro a demanda por liberdade, dizendo-lhe coisas do tipo: “eu não sou machista”, mas vive-se em uma relação desigual de direitos de gênero; “no Brasil o racismo não existe”, mas é contra qualquer demanda por valorização da história e cultura afro-brasileira; “homens e mulheres têm os mesmos

²⁵ Ibid. Pg. 45

²⁶ REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2ª. ed. 1988. Pg. 83.

²⁷ O vídeo pode ser acessado em: <https://vimeo.com/240193293>

direitos em nossa sociedade”, não reconhecendo a discrepância na ocupação de cargos de poder entre gêneros; “não tenho nada contra homossexuais, só não quero que meu filho seja um”... Essas posturas negam o direito do outro à liberdade e à própria existência, uma vez que esses problemas existem, mas aparentemente não afetam o homem, branco, heterossexual. Enfim, com a direita trata-se de pessoas que se recusam a aceitar que ocupam um lugar de privilégio. “Começa-se por si mesmo na medida em que se é privilegiado”, diz Deleuze no abecedário.

Ao contrário destes, a pessoa de esquerda percebe o horizonte distante até chegar a si. É preciso partir do que diz aquele que sofre a opressão, mesmo quando não a sofremos. Não se trata de solidariedade e bom coração, mas de perceber que, mesmo para quem ocupa um lugar de privilégio, essas lutas são as mais importantes na luta por uma sociedade não fascista.

O segundo ponto está diretamente ligado aos exemplos que usei logo acima. Para Deleuze, as esferas da direita e da esquerda se dão em torno da existência de um padrão, decorrente da colonização europeia da segunda metade do milênio passado. O padrão seria o homem, branco, heterossexual, cidadão pleno de direitos. Neste sentido, ser de esquerda é partir daquilo que não é considerado o padrão e entender como se dão as relações de opressão a partir desta lógica. Assim, as duas definições se unem.

Conclusão

Diante de tudo isso, tiramos as seguintes conclusões: a tão sonhada libertação socioeconômica de toda a sociedade está indissociavelmente ligada à mudança das velhas instituições socioculturais que reproduzem o pensamento autoritário. Não é a mudança da economia da sociedade que irá produzir as mudanças nas formas de vida, mas as mudanças nas relações socioculturais autoritárias que dará sustentação a outra sociedade mais livre. Essas mudanças começam a partir da circulação livre dos desejos, daquilo que Deleuze e Guattari chamam de linhas de fuga, fluxos vitais que afirmam que outras formas de vida não fascista são possíveis. A multiplicidade dos movimentos do desejo produz linhas de fuga, locais de resistência, pontos de cultura, coletivos de ação direta contra as opressões. “Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por

suas linhas de fuga, que são moleculares”.²⁸ As linhas de fuga moleculares escapam às macroestruturas molares. Assim, instalam imediatamente formas de vida mais livres. Esses movimentos, que são movimentos do desejo, são a coextensividade do desejo no campo social, são a própria produção do real pelo desejo livre, suas ações reverberam nas organizações molares e os impõem novas pautas. As cotas na Universidade Pública, Lei 10.639/03, Lei 11.645/08, Lei Maria da Penha, Demarcações de terras indígenas, luta pela criminalização da homofobia e do racismo, luta pela legalização do aborto, etc. são e visam conquistas molares, mas que só são possíveis pois os movimentos, os coletivos, os grupos se organizam e se agenciam de forma molecular, sendo capazes de produzir uma força tal que transforma o campo molar. O mais importante aqui é que a força política de tais ações é o desejo de liberdade que foge ao controle autoritário e produz um real mais livre.

Identifico hoje três grandes linhas de fuga muito presentes na luta contra o fascismo social, tema desse encontro: as lutas contra o machismo, contra o racismo e contra a LGBTfobia. Lutar contra essas manifestações do fascismo social não são apenas questões de lutas locais ou pontuais em relação às quais se possa ficar à parte, fazem parte da construção de uma vida, uma sociedade e governos não fascistas.

Sendo assim, cabem aos homens brancos heterossexuais, como eu, que desejam uma vida não fascista: 1) Reconhecer que existe machismo, racismo, LGBTfobia e outras manifestações preconceituosas do gênero. 2) Reconhecer que o simples fato de ser homem e, por isso, nunca ter tido medo de ser estuprado, ou não ser assediado na rua todos os dias, ou não passar por situações de desrespeito em ações aparentemente simples como pegar um taxi ou um ônibus e inúmeras outras situações das quais nem temos ideia, nos coloca, sim, em um lugar de privilégio. Reconhecer que a simples cor de pele clara faz com que não nos deparemos com várias situações de discriminação, desprezo e risco de morte; que o fato de que ambientes socialmente elitizados como a universidade tenham maioria de frequentadores brancos, já nos coloca, sim, em um lugar de privilégio. Reconhecer que o simples fato de podermos demonstrar afetos por nossas companheiras em público sem medo de sermos agredidos ou até mesmo assassinados, já nos coloca, sim, em um lugar de privilégio. Além de outros exemplos em cada caso. 3) Entender e apoiar o fato de que não são os homens brancos e héteros que irão dizer

²⁸ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs*, Vol. 3. Rio de Janeiro. Editora 34. 1996. Pg. 86.

como e onde se dá a opressão. São aquelas e aqueles que a sofrem todos os dias que nos dirão isso e temos o dever, caso queiramos nos considerar de esquerda e defensores da democracia, de ouvi-los, compreendê-los e, a partir de suas demandas, mudarmos nossas atitudes. Nisso se constitui uma das bases principais do anti-fascismo, isto é, combater o fascismo que há em nós, uma vez que somos frutos dessa sociedade que tentamos descrever.

Referências bibliográficas

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs, Vol. 3*. Rio de Janeiro. Editora 34. 1996. Pg. 83.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro. Editora 34. 1ª. ed. 2010.

FOUCAULT, M. *Introdução a uma vida não fascista*. Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf>

Acesso em: 14/08/2018.

GUATTARI, F. *Micropolíticas do fascismo em Revolução molecular*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1985. Pg. 180.

NIETZSCHE, F.W. *Genealogia da moral*, primeira dissertação, § 13. Companhia das letras. São Paulo, 1987.

REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2ª. ed. 1988.

Referência audiovisual

DELEUZE, G. “G de Gauche”. Disponível em: <https://vimeo.com/240193293>.

Acesso: 14/08/2018.